

## XXXIV

COM OS RECEM-CHEGADOS DO  
UMBRAL

Estacaram as matilhas de cães ao nosso lado, conduzidas por trabalhadores de pulso firme.

Dai a minutos, estávamos todos, enfrentando os enormes corredores, de ingresso às Camaras de Retificação. Servidores movimentavam-se apressados. Alguns doentes eram levados ao interior, sob amparo forte. Não somente Narcisa, Salústio e outros companheiros se lançavam à lide, cheios de amor fraternal, mas também os Samaritanos mobilizavam todas as energias no afã de socorrer. Alguns enfermos portavam-se com humildade e resignação; outros, todavia, reclamavam em altas vozes.

Atacando igualmente o serviço, notei que uma velhota procurava descer do último carro, com muita dificuldade. Observando-me perto, exclamou espantada:

— Tenha piedade, meu filho! Ajude-me por amor de Deus!...

Aproximei-me com interesse.

— Cruzeis! Crede! — continuou benzendo-se — graças à Providencia Divina, afastei-me do purgatório... Ah! que malditos demonios lá me torturavam! Que inferno! Mas os Anjos do Senhor sempre chegaram.

Ajudei-a a descer, tomado de extrema curiosidade. Pela primeira vez, ouvia referencias ao inferno e ao purgatório, partidas de uma boca que me parecia calma

e ajuizada. Talvez obedecendo mais à malícia que me era peculiar, interroguéi:

— Ven assim de tão longe?

Assim raiando, afetei ares de profundo interesse fraternal, como costumava fazer na Terra, olvidando por completo, naquele instante, as sábias recomendações da mãe de Lísias. A pobre criatura, percebendo o meu interesse, começou a explicar-se:

— De grande distancia. Fui, na Terra, meu filho, mulher de muito bons costumes; fiz muita caridade, rezei incessantemente como sincera devota. Mas, quem pode com as artes de Satanaz? Ao sair do mundo, vi-me cercada de seres monstruosos que me arrebataram em verdadeiro torvelinho. A principio implorei a proteção dos Arcanjos Celestes. Os espiritos diabólicos, entretanto, conservaram-me enclausurada. Mas eu não perdia a esperança de ser libertada, de um momento para outro, porque deixei uns dinheiros para celebração de missas mensais por meu descanso.

Atendendo ao impulso vicioso de perseguir assuntos que nada tinham que ver comigo, insisti:

— Como são interessantes as suas observações! Mas não procurou saber as razões de sua demora naquelas paragens?

— Absolutamente — respondeu persignando-se. Como lhe disse, enquanto estive na Terra, fiz o possível por ser uma boa religiosa. Sabe o senhor que ninguém está livre de pecar. Meus escravos provocavam rixas e contendas, e embora a fortuna me proporcionasse vida calma, de quando em quando era necessário aplicar disciplinas. Os feitores eram excessivamente escrupulosos e eu não podia hesitar nas ordens de cada dia. Não raro, algum negro morria no tronco para escarmento geral; outras vezes, era obrigada a vender as mãos cativas, separando-as dos filhos, por questões de harmonia doméstica. Nessas ocasiões, sentia morder-me a consciência, mas confessava-me todos os meses, quando o padre Amancio visitava a fazenda e, depois da comunhão, estava livre de certas faltas veniais, porque, recebendo a absolvição no confessional e ingerindo a sagrada par-

